



Meu lado matemático e meu lado jumento.

Eis aqui, caro leitor, uma dúvida que não tenho: meu lado jumento é muito maior que meu lado matemático. Não que eu tenha grandes problemas com a matemática, muito pelo contrário, gosto dela exatamente por ela não deixar dúvidas, a matemática pode ser difícil, mas não é subjetiva, não temos dúvidas sobre o sinal negativo em frente ao número do saldo de nossas contas bancárias, é claro que estamos sem dinheiro, sem money, sem bufunfa, ou pior, estamos devendo uma grana que se não pagarmos irá aumentar com juros compostos!

Aí entra meu lado jumento...

A limpeza da casa, da roupa, do carro

Quem é que carrega? Hi-ho

Dos filhos, o banho, a escovação dos dentes, a agenda da escola

Quem é que carrega? Hi-ho

A cobrança da educação dos filhos (meus e alheios), da malhação em dia, dos relacionamentos sociais

[e do sucesso profissional

Quem é que carrega? Hi-ho

E de tanto peso se multiplicando nos ombros, sobra tempo pra quê? Tempo também é matemático. Um dia de vinte e quatro horas dividido em nem sei mais quantos afazeres sempre falta hora.

A matemática está nos quatro cantos do mundo, ops, não, a Terra não é plana, sorry, terraplanistas, esfera não tem canto. Esfera? Olha ela aí outra vez! Aliás, uma grande escritora que conheço, doutora Anita Abed, encontra a matemática na música, na poesia e até no nosso lado jumento que está dividido com o lado

galinha, lado gato e o lado cachorro. No meu caso, querendo ter percentual de lado lobo também, lembrando do Lobo de Wall Street, mas só pelo lado dinheiro, a pilantragem, pra essa, não tenho cara, nem jeito.

O que acontece com tudo isso é que juntei A com B, sim, juntei os elementos e estou refletindo que posso resgatar o meu lado matemático de quando fiz o ensino médio técnico em processamento de dados, mas acabou se escondendo em uma caixa lá no fundo quando fui para humanas e ajudar filhos de mães galinhas e jumentas como eu.

Tá bom, vou parar de nos chamar de “jumenta”, afinal, jumento também é chamado de jegue e quando estive no nordeste, os guias falavam “olha o jegue”, a gente ria e eles batiam a foto.

E pensando no jegue desta forma eu sorri. Sorri quando vi o sentido dos cálculos que fazemos. Sorri quando ensinei meu filho a fazer a multiplicação mulçumana e os olhos dele brilharam ao perceber que dava certo. Sorri quando vi o conceito de números negativos com operações no ábaco dos inteiros, pra mim, só tinha na cabeça que sinais iguais, resultado positivo, sinais diferentes, resultado negativo, nunca fui capaz de entender como dois números negativos multiplicados podiam se transformar em positivo. Na minha conta bancária não acontece isso, os números negativos vão se “multiplicando” e ela continua negativa! Mentira, agora entendi que o meu negativo se multiplica com o positivo do banco e é assim que nunca chego a lobo.

Mas sabe o que é mais legal? Eu comecei a vislumbrar as crianças que eu posso ajudar. Pensando nos estilos cognitivos afetivos de Jung posso planejar atividades que tragam experiências valorosas para cada indivíduo.

Já me vi fazendo piquenique com as crianças, dividindo a torta, somando os beijinhos aos brigadeiros, subtraindo a comida que eu gosto mais. Me vi na “jogatina” com a molecada, me vi jogando Super Trunfo “cidades do mundo” e sabendo mais sobre elas viajando sem sair do lugar. Me vi contando histórias e fazendo a criança atravessar o rio ou pular a cachoeira para o lado “lava” (positivo) ou o lado “gelo” (negativo). Me vi em uma eletiva sobre o mercado financeiro no novo ensino médio, não tem nada mais comprovatório de que todo conhecimento matemático, físico, histórico e geográfico são necessários do que um dia de pregão na bolsa de valores.

Aqui entre nós, me vi mais no piquenique! Será meu lado lobo ou meu lado touro (taurina) despontando? Mais um elemento com o qual vocês não contavam!!!

Terei que resgatar muita coisa, estudar muito, pois a matemática ficou um tanto distante por algum tempo. Só mais uma coisa para o meu lado jumento carregar, mas não será de graça, e sim a preparação para a hora do “que coices que dá”.